

A FALA

Poemas

de

Elviro Rocha Gomes

FARO, 1984

FALAR DA FALA

Falar da fala é contemplar a humanidade, o Universo,
cavalgar o vai-vem do som da ideia,
ver a alegria a boiar na tristeza,
assombrado parar num devaneio extenso,
ficar a flutuar por sobre os séculos,
caminhar no banal e no sublime,
subir pela ternura até ao êxtase,
tropeçar com rubor na palavra obscena,
descer às turbulências mais recônditas do inconsciente
que se exprime
por gritos, reticências e poemas...
Falar da fala é pôr em evidência
que às vezes com a idade há mais potência.

* * *

Oh, os poetas...
Fazendo gala
da sua fala...
Cavaleiros andantes da quimera,
eternizando o efêmero,
valorizando o vão...
Lá vão tagarelando e enfeitando-se com
suas tristezas de amor, suas angústias,
oferecendo à turba os seus cachos de esperanças,
sôfregos de aprovação, de serem lidos...
Já está em vibração
o recôndito reino de Cerbero,
ilumina-se já o centro em pânico
e sobe o absoluto ao labirinto
da fala social repetitiva, usável.
Mistérios, medos, vendavais da alma,

o todo nos visita
trazido pela mão de quem chegou
ao íntimo das coisas e falou.
Ó adivinhadores, ó divinos,
ó excêntricos!
Ó poetas! Ó nus!
Vejo-vos reunidos...
Que resultará
dessa vossa união?
Desse vosso conluio, dessa vossa conspiração
deflagrará
beleza e interamizade
para toda a humanidade.
Falar da vossa fala é bom e dá prazer,
assim Vós escutásseis a de quem vos não quer ler!

* * *

Ó magos da palavra!
E em nome de quem falas?
Que intenções, que desejos te dão saltos,
te fugir querem de onde os não ouviam?
Que insupostas minúcias pretendes animar
e iluminar?
Fora com as arengas rebuscadas
a presumir sabedoria!
Quer-se o tom natural do cavaquear ameno...
Por vezes sabe bem um assomo oratório
uma torrencial erudição
de tribuno magnífico
mas fora com a retórica balofa,
empolada e vazia...
Queremos convicção, sinceridade,
admite-se o delírio, a exaltação,
se mandar a verdade,
a verdade escaldante.
Quantas vezes a ideia é mal expressa
num tumulto de gestos e arquejos
mas a ideia ala-se impoluta
e nós com ela...
Falar da Vossa fala é um prazer que em mim se aninha;
assim falásseis Vós com igual prazer da minha!

* * *

Ele houve tanta fala!

A primeira a ouvir-se foi de Deus quando ordenou:

Faça-se a luz!

Mas parece que não foi suficiente
porque séculos depois Goethe pedia:

Mais luz!

A segunda foi a de Adão

quando deu nomes às criaturas:

Tu és camelo, tu és porco, tu és burro!

E assim se ficou num só modo de falar
e nas mesmas nomenclaturas

até à construção da torre de Babel

que operou a multiplicação das falas

(Também houve a dos pães)

Depois Deus passou a dar entrevistas

a Moisés, à donzela de Orleães

e mais modernamente a papas

mas não é só Ele que desce do céu à Terra

para falar com gente. O arcanjo Gabriel

veio até junto de Maomé

revelar-lhe a existência de Alá

e há outras descidas à Terra:

mas de Nossa Senhora aos pastorinhos

e as dos aviadores

e as dos paraquedistas.

E também temos hoje vozes do Além chegadas até nós

tais como a do De Gaulle

e a do Salazar.

Portanto não só a religião obra prodígios

(ou só a Ciência os dá?).

E por falar em fantasmas...

Tu julgas que os não há?

Tu és um e eu sou outro,

Ego non sum qui sum.

Falar da tua fala é um prazer para mim,

assim gostasses tu de me agradar assim!

* * *

Mas não me puxes pela língua,
que eu gosto de dar a ela,
de falar por falar, à pressa, à toa,
com o coração nas mãos, depressa, mal,
em voz alta, em voz baixa, e pelos cotovelos,
e ao telefone, ao microfone
e com os meus botões...
Gosto de bate-papos e tertúlias,
de charlas, de comícios,
de sermões, pregações, e cabidos e sínodos,
encontros e congressos e simpósios
e conversas à mesa
como a de Cristo com os seus apóstolos
ou a do rei Aurtur com os seus cavaleiros
mas com mesas censórias não simpatizo mesmo nada.
Mas gosto de senados, parlamentos e dietas
assim como a de Augsburg, e concílios adoro,
como o que houve em Trento,
e cúrias, como a régia,
e cortes como a de Lamego
com bispos e homens-bons
e de falar também em sociedades e em Casas
como as Casas do Povo e a Casa do Alentejo
e a minha casa
e em centros e círculos culturais,
no café e em clubes e
na Academia de Ciências de Lisboa
e com autarcas.
Ai, os autarcas, os autarcas, os autarcas,
muito têm que falar, muito dão que falar!
Falar da sua fala é um prazer imenso,
excepto se não pensam como eu penso.

* * *

Há muitos
de quem jorram catadupas de palavras
sem cessar,
mas por mais que a gente fale
e conte e informe e exponha e comunique,
nunca vence Sócrates
que era muito loquaz

nem Matusalém
que mesmo que só começasse a falar aos 4 anos,
teve mais 965 para dizer coisas!
Nem Canaan que só se calou aos 910
nem Malaleel, embora tivesse vivido menos 15 anos
que os supra.
Eu conheci um homem que falava como um polícia da Régua
mas também morreu, por sinal, afásico,
tendo passado pela gaguez e dislexia
e por alterações no cérebro
de fazer tristemente rir.
Mas estás a falar mesmo a sério
ou a brincar?
Às vezes a gente nem tinha pensado bem nisso
e só depois resolve conforme a conveniência do momento:
era a brincar...
Covardia?
Desta fala falar é quiçá perturbador
mas no enfrentar questões é que está o valor.

* * *

Sabias que existe fala e existe fá-la?
Mas só se distinguem na escrita e não na fala...
Eu conheci um carpinteiro
a quem um freguês disse: Fá-la; Fá-la!,
referindo-se à mesa encomendada,
E o outro lá falando, chalaceando,
e a mesa esperando...
Até que um dia um mestre de Gramática,
um jesuita muito competente,
desfez aquele equívoco,
explicando que fá-la vem de **facere**
e fala vem de **fari**,
que é falar, ter o uso da fala.
«Esse fari, disse ele, torna a aparecer
em fábula, fabulista, fabuloso,
em efabulação e fabulário.
Com o prefixo **ad** entra em afável
afavelmente e afabilidade.
Sabe o que é inefável? — perguntou.
E logo respondeu:
É o inexprimível por palavras.
O fari é no participio **fatum**

que deu o nosso triste fado...
e o fatalismo e a fatalidade.
O fari produziu ainda **fama**
e igualmente **infâmia**.
E a **infância** que falar não sabe
e a infantaria!
Tenho dito.»
Falar da fala de quem bem se explica
o espírito levanta e vivifica.

* * *

Ao carpinteiro e ao freguês fugiu a fala
mas como **verba volant**,
depressa se esqueceram do que ouviram.
Gente que gosta de falar da vida alheia,
viciados na má língua,
criticaram o olvido.
E como o mundo fala de tudo,
foi um interminável falatório
Mas os cães ladram e a caravana passa,
sunt verba et voces praeterea que nihil,
ou seja:
Vozes de burro não chegam ao céu.
Destas vozes porém não reza a história
mas sim doutras:
da de Churchill pedindo
sangue suor e lágrimas,
da de Hitler a ameaçar o mundo inteiro,
da de Urbano II em Clermont
gritando à multidão:
Aos infiéis! A Terra Santa!
e da daquele oficial português a anunciar
na madrugada de 25 de Abril:
Aqui Movimento das Forças Armadas!
Falar da fala histórica entretém
mas não deixes de ouvir a que a prolonga bem.

* * *

Foi Talleyrand que disse
que a fala foi dada ao homem
para esconder seus pensamentos?
Ou será como queria Kierkegaard,

que a fala lhe foi dada
para esconder o facto de não ter pensamentos?
Será que quem mais fala mais se entala?

Sim,

talvez seja assim.

Tanta gente a falar sem dizer nada...

A fala social repetitiva, contrifugada,
o parafrasearmo-nos uns aos outros,
o cala-te boca que as paredes têm ouvidos,
as mansas falas da hipocrisia,
o **his master's voice**...

A voz alienada, desviada,
da ululante multidão do estádio:

Fora o árbitro! Gatuno!

Massa amorfa saindo de roldão,
clamorosos carneiros de Panúrgio,
contra um homem que apita.

Será que a voz do povo é voz de Deus?

Deus é capaz de se exprimir como um acéfalo?

E Deus fala direito por linhas tortas?

Das bocas infantis saem verdades?

Quem muito fala pouco acerta?

Homem de poucas falas, te conheço!

Não me faças falar,

pois tenho medo de falar de mais,
quando chegar à fala a teu respeito.

Falar da fala dum homem calado

é um abre-te sésamo arriscado.

* * *

A voz gritada

não é a mais ouvida...

A razão mesmo em baixa voz
acaba por ser atendida.

Quem diz a voz

diz avós,

cujas vozes vão ressoando como sinos de bronze
de antigas catedrais

na recordação dos netos,

enquanto as destes vão tinindo
em afagos verbais, em risos, em chilrelos
por nós dentro

como um hino à Primavera fugidia.

Gorgeios cristalinos de pimpolhos
saltando, cabritando, rebolando-se,
são como pingos de ventura a refrescar-nos.
Falar da fala dum menino querido
faz ter saudades do paraíso perdido.

* * *

Depois vem o pudor da adolescência
uma maneira de falar com os olhos,
o namoro,
um exalar desejo pelos sorrisos,
um enleio, umas frases sem nexo,
delícias e delírio no idílio...
A juventude em alta efervescência...
Róseas fulgurações, arrufos e arrulhos,
um ciclar de cío ao búzio do ouvido,
brandos queixumes sem óbvia razão,
o olhar na distância, as mãos nas mãos,
coração a bater mais apressado a ousar um beijo,
o rubor e o calor resplandecendo em toda a face,
mais promessas, mais juras, mais um sonho,
dois seres suspensos num deslumbramento,
a derramar amor,
a afogar-se no amor que derramaram.
Minucioso o olhar, o ouvido atento ao mel da fala amada,
duas almas absortas, afastadas
das falas tumultuosas deste mundo.
Falar das falas entre namorados
dá brilho aos olhos dos avelhentados.

* * *

Depois a idade adulta,
a experiência da vida...
As conversas ratonas, picarescas,
as proezas contadas aos mais novos:
«No meu tempo é que era...»
E as vozes azedas, destemperadas,
os brados iracundos da soberba,
as invectivas ígneas da impaciência,
a vida a correr mal,
as noites mal dormidas...
E a palavra sóbria, concentrada,

a cabalística e a lisongeira,
os subentendidos e os duplos sentidos,
a voz aflita da mulher perdida
e a arrogante do desdém do macho.
Surge o meticuloso maçador,
e o implicativo e o manhoso
trincando recadinhos entre os dentes.
E há a fala de ódio, a da inveja,
e o gritar de pânico,
e a voz branca dos eunucos
e a queimada dos malucos,
e a dos bêbados, pastosa,
(mas «in vino veritas»)
e as vozes das variadas gentes:
Do you speak English? Deutsch? Français?
É bom falar de tantas falas
mas o melhor é falá-las. . . .

Falar é bom.

Até quando se está só,
quando é mais necessário
gritar à indiferença das paredes
o que se é
ou expandir contra os bichos dos barrancos
o grito reprimido,
porque gritar é preciso.
É preciso também cantar
e chamar por alguém
como o animal enjaulado
ou o pássaro engaiolado
chamando pelas fêmeas que não vêem.
Cantando ou urrando por prazer
ou de raiva...
à maneira de Márcias ou de Jara
Sim, que o cantar de raiva
é uma maneira de falar...
No falar destas falas não se insiste
porque se fica triste... . . .

Afinal ninguém está só.

Sto. António falava com os seus peixes de olhos bogalhudos
eu agora contigo, caro Leitor,
o que me equipara a Sto. António...

Cada um fala com quem imagina falar
porque muitas vezes não há interlocutor
e temos de o imaginar...
Ou se há, não está ao pé de nós,
está imaginando ouvir outro
ou está a ouvir-se a si mesmo
ou não está imaginando ninguém nem imaginando nada.
Nós falamos, falamos,
mas acaso nos exprimimos?
Oh, mistérios das relações entre os homens!
Bem estão aqueles que suplicam a protecção dum deus
porque rezar é a mais sincera maneira de falar
que eles têm. E ficam bem.
Ora rezar, gritar, cantar,
tudo é falar com alguém.
E falar destas falas afinal
é, abrangendo uns, falar do homem em geral.

* * *

Um homem nunca é um
um homem é sempre dois ou três ou mil,
mesmo quando está só.
Só é um quem optou por não amar.
Só está só quem assim se considera,
os que desejam não ver gente,
não ouvir voz humana.
Tais cansaram-se,
estão a deixar-se morrer...
Ouviram, viram e não gostaram
e preferem afastar-se do alcance da nossa fala
outros fogem,
eles lá sabem por que fogem
e nós também...
Desgraçados!
Mas o falar é tão bom
sobretudo quando encontramos quem
nos queira aturar...
Que tristeza quando nos proibem de falar: Cale-se!
Está bem. Calo-me.
Não se fala mais nisso.
Já cá não está quem falou.
Do meu falar falarem? Quem proíbe?
Mas por favor, não venha diatribe.

FALAR DO CARROCEIRO

Por que falaste em tom desabrido à tua mula
e em vez de agredires quem te ofendeu
a agrediste a pontapé a ela,
tão mal alimentada e sofredora?
Ela que é tua força e teu transporte
e até se distingue entre os outros muares
pela sua mansidão e boniteza?
Só uma vez atirou um filho teu ao chão
mas a culpa foi dele
sabendo que ela estava mal humorada nesse dia
ela que de resto é a mansidão em muar
enquanto tu és a ferocidade em pessoa.
Acaso errou?
Acaso foi manhosa?
Olha bem para ti próprio
e depois de olhares bem e para outros homens
verás faltar-te autoridade
para com ela te zangares
e crescerem razões
para contigo conversares.

RECORDANDO...

E os seus olhos falaram com as lágrimas
dos lírios da saudade desfolhados
na simpatia atenta dos ouvintes.

Aqueles olhos tristes, macerados,
não deixavam ouvir a branda fala,
soavam alto atrás do seu arco-iris
feito de brilhos através de névoa.

Resignação eivada de impotência
um pôr do sol antes da hora própria
um acorrerem todos a si mesmos
acoçados, surpresos e incrédulos.

ATONIA

A mão caída num quadril parado
o olhar sem ver na quieta abstracção,
a alma perdida num flutuar pasmado,
o arfar opresso de atonia baça.

Alli caiu pesada inanição
ali murchou a flor antes de abrir,
ali o embotamento progrediu
até ao gelo do viver em morte.

A estagnação desértica corrói
até a permanência desistir.
Tudo é moleza e tudo se gastou
tudo é fastio e indiferença parda.

Lassidão demorada e apagada,
insípido encolher-se no abandono,
frouxidão, evasão, esquecimento,
ilusória vitória dos vencidos.

Mas nem toda a cansada opacidade
traduz uma indiferença permanente.
Um beijo de criança puro e fresco
deu uma luz alegre ao triste rosto.

A FALA DO PALHAÇO

A fala do palhaço
o silêncio expectante
um desatar,
um desfraldar,
um reboar de risos cristalinos
infantis,
um desabar de largas gargalhadas de homens francos
que frequentam de livros quanto baste
e convivem com a árvore e o animal,
o circunspecto rir de diplomatas,
o acenar com muita simpatia
da esposa do senhor governador
a agradecer uma pirueta atabalhoada e cómica
que lhe foi oferecida,
e lá mais para trás o olhar sombrio
do poeta
a rir com muita seriedade
para além do palhaço.

A FALA DO MENDIGO

Aí vem uma fala
que já antes de avançar
está a bater em retirada...
É a do amachucado da má sorte,
do picado do mal,
do súplice meloso e enfadonho
que se dobra e se enfia em quem o ouve
com voz lodosa como as lesmas.

Vá-se embora santinho
— empurra um.
O que Você quer é dinheiro para vinho.

O triste, achincalhado e indeciso,
mais de rastos que um cão aos pés do dono,
enrosca a alma em volta de si mesmo
e desanda dali para mais adiante
se rojar novamente
aos pés da caridade.

É um náufrago a estrebuchar no mar da vida
por culpa da cidade.

A FALA DA IGNORÂNCIA ARTEIRA

Fala agora na praça em cachoeira
sonorosa e abundante
a ignorância crassa e atrevida.
Contempla-a boquiaberta
outra ignorância
parva.

E outra faz genuflexão e vénia
e põe a boca em O
e os olhos em alvo.
A ignorância crassa
espreita o efeito da sua fala
como réptil na lura antes do ataque
e monta na boa fé dos circunstantes
com a ousadia
da mentira alegre.

E assim vai o mundo.
Meio mundo a enganar o outra metade de mundo.
O desplante, a trapaça
e a dobrez
luzindo em águas turvas
como os olhos de imersos crocodilos.

O SÁBIO NÃO CHEGA A FALAR

A asneira cascavel
empertigou-se mais
ao recear um repto
do sereno saber.
Porém a circumspecta,
a recém-chegada inteligência
falha na intervenção
e quando quer explicar e corrigir
é embarrilada.

— Julga que lá por ter muitos estudos
(sente estalar no ouvido)
que me engrola, ó doutor?
Este mal sacode a aluvião de dúvidas
que o sufocam
e lhe travam o falar.
E pergunta-se inaudivelmente
para que lhe teria servido estudar.

Ó justo, ó calmo, ó pensador!
Agarra no teu fio de Ariadne
enredado no rodopio dos tolos
e aproxima-te de ti mesmo.
Conduz-te à tua coragem de afirmares-te.
Não fujas.
Não seques.

O SABIO NÃO CHEGA A FALAR

O VALENTE

Passou agora o valente,
homem calmo e com juízo,
pouco fala de si mesmo
mas vai sempre onde é preciso.

Resoluto e destemido,
não alardeia bravura.
Tem músculos fortes de aço
e boa moral estatura.

Retirou gente das chamas,
salvou náufragos no mar
mas cala porque é modesto
e deixa os outros contar.



A FALA DA MÃE

Meu filho, meu primor,
gentil desdobramento do que sou,
amor de dois em gente transformado,
dorme tranqullo!
Que as sombras do azar te não visitem!
Que o prumo da verdade te oriente!

Meu filhinho, quem és?
E que virás a ser?
Gostava de fazer uma idola
mas sei lá
se é melhor não saber.

Filho meu,
sejas como fores,
gosta sempre de mim
para sempre seres bom!



A TALA DA TALA

que a parte da verdade se encontra
que se encontra de usar se não visitam
domos tradicionais
com os hábitos de costume
que se encontra de usar se não visitam
domos tradicionais
com os hábitos de costume

Composto e Impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
Telefs. 44161 e 44162 - Apartado 28
8901 Vila Real de Santo António
— 250 exemplares — 9/84 —